

“Extraordinária floração”: Mário de Andrade lê o romance de 30

Marcos Antonio de Moraes

RESUMO: Partindo da listagem dos “dez melhores romances brasileiros”, definida por Mário de Andrade, em março de 1939, na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, este artigo busca recuperar os pressupostos judicativos do escritor modernista no que tange às obras ficcionais da década de 1930 – de autores como Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Octávio de Faria, José Lins do Rego, Erico Verissimo e Amando Fontes.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; romance de 30; historiografia literária, crítica literária; método crítico

ABSTRACT: Taking into consideration the list of the “ten best Brazilian novels,” defined by Mário de Andrade, in March 1939, in the *Academic Journal*, this article tries to recover assumptions by the modernist writer, with respect to the fictional works of the 30’s – authors like Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Octavio de Faria, José Lins do Rego, Erico Verissimo and Amando Fontes.

KEYWORDS: Mário de Andrade; novel from the 30’s; literary historiography, literary criticism; critical method

O número de agosto de 1939 da *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, “viva [...] manifestação da intelectualidade moça do Brasil”,¹ estampou a colaboração de Mário de Andrade no “inquérito” que se propunha a definir “quais os melhores romances brasileiros”. Cumprindo a “leviandade de votar”,² o então responsável pela coluna “Vida Literária”, do *Diário de Notícias* carioca, compõe a lista com as dez obras de sua predileção, arrolando, na sequência: *Memórias de um sargento de milícias* (1854-1855), de Manuel Antônio de Almeida; *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis; *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), de Lima Barreto; *João Miguel* (1932), de Rachel de Queiroz; *Jubiabá* (1935), de Jorge Amado; *Mundos mortos* (1936), de Octávio de Faria; *Doidinho* (1933), de José Lins do Rego; *Caminhos cruzados* (1935), de Erico Verissimo; e *Os corumbas* (1933), de Amando Fontes.³

Refletindo sobre o significado, a representatividade e os critérios da enquete, Mário divulga, em novembro, no mesmo periódico, a crônica “Um inquérito”, na qual flagra “vários defeitos de inquirição”, entre eles as porosas fronteiras entre novela e romance, a desfavorável situação dos “romances cíclicos”, que adquirem sentido pleno em relação ao conjunto ao qual pertencem, a “variedade de critérios históricos” e o aleatório limite numérico estabelecido pelo concurso. Em face de tantas indefinições, compartilha as vicissitudes de sua seleção, que, por fim, “infelizmente”, deixara de fora o “importantíssimo” *Angústia* de Graciliano Ramos, título que vinha tendo “primazia” nas indicações de outros participantes.⁴ Justifica-se, ludicamente, entremostrando

1. ANDRADE, Mário de. “Um inquérito”. *Entrevistas e depoimentos*. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 62. As citações da obra de Mário de Andrade neste artigo receberam atualização ortográfica de acordo com a norma vigente, considerando-se as idiossincrasias linguísticas do autor.

2. Id., p. 65.

3. ANDRADE, Mário de. “Quais os dez melhores romances brasileiros”. *Entrevistas e depoimentos*. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 61.

4. No Prêmio Lima Barreto, patrocinado pela *Revista Acadêmica*, Mário de Andrade, membro do júri, declara, em 1937, seu voto a *Angústia*, justificando-se: “Um ser medíocre, pouco inteligente, vulgarmente inculto. Pensa medíocre, com pouca inteligência e a incultura mais chã. Mas Graciliano Ramos, numa equidade opulenta, mostra que com a mesma violência e a mesma insolubilidade vital, o operário inculto, o filósofo requintadíssimo e o amanuense pensam. Lido o romance admirável, ninguém mais deseja ser operário ou caipira, pra não ter seus tamanhos pensamentos. Com a decisão impiedosa de não fazer do caso que nos conta um ‘caso’, *Angústia* como que revaloriza o pensamento com os botões, pondo afinal numa prática tangível a noção dos seres iguais. É o diabo...”. Apud: ANTELO, Raul (Org. e notas).

o caráter excludente das preferências: “Mas a culpa é menos minha que... da sorte. Escolhidos primeiramente cinco ou seis romances que me pareceram fundamentais, não consegui resolver sobre os casos restantes, em que havia maior número de livros que vagas a preencher. Entreguei à sorte essa votação final, e embora satisfeito pelos livros sorteados, fiquei profundamente triste pelos que a sorte deixou de escolher...”⁵

Ao delinear um espectro de obras-primas da ficção brasileira, o criador de *Macunaíma* realça, numa perspectiva inicialmente cronológica, as *Memórias de um sargento de milícias*, narrativa folhetinesca sobre a qual se debruçará para engendrar, em 1940, o prefácio da edição de luxo, no catálogo da editora Martins, estudo incorporado, em 1943, em seu *Aspectos da literatura brasileira*. Para o crítico, Manuel Antônio de Almeida lograra construir, articulando folhetins, “um dos romances mais interessantes, uma das produções mais originais e extraordinárias da ficção americana”. Embora lhe parecesse que o autor se descuidava da linguagem, “coisa aliás muito comum no tempo dele”, possuía “estilo firme, expressivo, colorido, original”. Impunha-se “pela graça” com que descrevia “os costumes e a caricatura irresistível” da gente do tempo.⁶

Sobre a presença de Machado de Assis em sua tabela valorativa, Mário distingue na crônica da *Revista Acadêmica*: “*Brás Cubas* a meu ver é uma obra-prima, *Quincas Borba* é uma criação apenas magnífica: mas os dois romances juntos se tornam [...] uma das criações mais extraordinárias, mais originais e mais fortes da novelística nacional”.⁷ Na série de três rodapés, em junho de 1939, colocando na ordem do dia o cente-

Mário de Andrade: cartas a Murilo Miranda. 1934-1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 44. Na crítica “A psicologia em análise”, no *Diário de Notícias*, em 26 de novembro de 1939, retoma a obra do autor alagoano: “Graciliano Ramos é que, com *Angústia*, se não nos deu o seu melhor romance (eu, por mim, ainda prefiro o *São Bernardo*) construiu uma das mais fortes análises psicológicas do romance brasileiro. [...] Graciliano Ramos, além do artista da frase que é, escritor dos mais castiços, embora tímido de sua linguagem brasileira a meu ver, Graciliano Ramos é um vigoroso analista”. ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins/INL-MEC, 1972, p. 156. Cabe assinalar que os textos incluídos em *O empalhador* foram reelaborados pelo autor na transposição do jornal para o livro. Cf. SÁ, Marina Damasceno de. *O empalhador de passarinho, de Mário de Andrade. Edição de texto fiel e anotado*. 2 v. São Paulo, 2013. Dissertação (mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Telê Ancona Lopez.

5. ANDRADE, Mário de. “Um inquérito”. Op. cit., p. 65.

6. ANDRADE, Mário de. “*Memórias de um sargento de milícias*”. *Aspectos da literatura brasileira*. 4. ed. São Paulo: Martins/MEC, 1972, pp. 125; 134; 135; 139.

7. Id. “Um inquérito”. Op. cit., p. 63.

nário do criador de Brás Cubas, o crítico o vê como exemplo de mais alto grau de consciência técnica no campo cultural do país, pois “como arte, ele foi o maior artesão que já tivemos”.⁸ A percepção, claramente estratégica dos pressupostos críticos alardeados na imprensa, vinha bem a calhar, com força desmobilizadora do “espontâneo técnico”⁹ que Mário de Andrade flagrava em muitos dos artistas de sua época.

A fim de justificar a inserção dos nomes de Aluísio Azevedo e de Lima Barreto na listagem, Mário perscruta, na história literária brasileira anterior ao movimento modernista, a consistência de projetos de narrativa ficcional. Consolida um drástico julgamento crítico:

Romancistas, com real estofo de romancistas, só tivemos incontestavelmente três, no passado: José de Alencar, Aluísio de Azevedo e... creio que são só dois! Queria acrescentar o analista admirável do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, mas embora o tenha como criador insubstituível de um dos dez melhores romances nacionais, não guardo a impressão [...] que Lima Barreto seja um romancista inato, tanto como os outros dois citados. Porque a obra dele se ressentia de uma tal impulsividade crítica dos fatos, das classes e da sociedade em geral, que, mesmo nos romances, frequentemente assume a agudez e a violência do panfleto.¹⁰

O ostensivo posicionamento crítico de natureza social (“classes”, “panfleto”), que, para Mário, desfibraria a força da obra de Lima Barreto, não tinha entrado, em 1934, no cômputo da avaliação da prosa de Aluísio, autor que também lançou (a distância) um olhar sobre as margens. Escrevendo ao amigo Manuel Bandeira, valoriza a tessitura e a engrenagem da narrativa “realista” que contrapõe, com a violência da exploração, o taverneiro João Romão e a negra Bertoleza:

Reli ultimamente com verdadeiro assombro *O Cortiço* de Aluísio. Saí dele com a convicção de que não apenas é um dos maiores livros (de literatura) nacionais, mas uma das obras mais primas do Realismo universal. Que segurança no desenho dos caracteres, que poder de narração, que arquitetura bem feita! Fiquei entusiasmadíssimo.¹¹

8. Id. “Machado de Assis – I”. *Aspectos da literatura brasileira*. Ed. cit., p. 95.

9. Ibid.

10. Id. “Um inquérito”. Op. cit., p. 64-5.

11. MORAES, Marcos Antonio de (Organização, introdução e notas). *Correspondência Mário de Andrade*

O exemplar de *O Cortiço* nas estantes da biblioteca de Mário de Andrade abriga, na abertura do décimo capítulo, a anotação a lápis desse leitor habituado a deixar nos livros rastros de seus exercícios reflexivos. Na passagem descrevendo os faustosos preparativos da festa no sobrado do comerciante português Miranda, que comemorava o recebimento do título de Barão do Freixal, registra: “Uma das páginas mais fortes, mais incisivas, mais verdadeiras, e ao mesmo tempo, mais bem inventadas da nossa literatura”.¹²

Esses grandes nomes da ficção nacional “mortos e consagrados” não podiam, segundo o crítico, ombrear com os prosadores de sua geração, no que se referia à potência de fixar a “realidade documental” do país. Para ele, o romance, “além de sua validade artística livre”, devia ser estimado como “uma das formas documentadas mais importantes de uma raça, de uma sociedade, de uma época histórica”, vivenciadas ou restituídas pelos autores. Esse instrumento de conhecimento da matéria histórica, racial e identitária levava Mário de Andrade a supor que “jamais o Brasil viveu uma fase tão rica e tão importante de criação novelística, como a contemporânea”. Sobre esse julgamento arrebatado, garantindo a maturidade da ficção nacional, pairava a dúvida apenas acerca da faculdade que essa produção teria de concretizar a “profundeza da análise psicológica”, em sintonia com o “progresso universal da psicologia”,¹³ embora também sob esse aspecto os novos escritores lhe dessem a impressão de superar os prosadores oitocentistas.

Em 1º de outubro de 1939, Mário compõe no artigo “O romance paulista”, em *O Estado de S. Paulo*, um elenco de “expressivas personalidades” da prosa de ficção, na década de 1930, da qual faziam parte “Érico Veríssimo, Telmo Vergara, Ciro dos Anjos, Marques Rebelo, Octávio de Faria, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Lins do Rego, Amando Fontes e vários outros”.¹⁴ Em agosto desse ano, alguns desses autores tinham recebido do crítico, na crônica “A raposa e os tostões” — aguilhão

✉ Manuel Bandeira. 2. ed. São Paulo: Edusp/IEB-USP, 2001, p. 590.

12. Devo a indicação à pesquisa de iniciação científica (PIBIC-USP) *Mário de Andrade e o naturalismo brasileiro*, levada a termo em 2009 por Daniel Abreu, sob minha orientação. O exemplar da obra no acervo de Mário de Andrade, atualmente no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, foi editado em 1925, pela Garnier (Rio de Janeiro/ Paris).

13. ANDRADE, Mário de. “Um inquérito”. Op. cit., p. 64.

14. Id. “O romance paulista” (1º out. 1939). *Vida Literária*. Ed. prep. por Sônia Sachs. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993, p. 110.

nos literatos “ignorantes dos problemas da forma” —, uma síntese interpretativa de suas obras, para distingui-los dos autores de um segundo escalão. Sublinha o “cuidado artístico admirável” de Graciliano Ramos, “a personalidade torrentosa” de José Lins do Rego, a “esplêndida força comunicativa” em *Jubiabá*, de Jorge Amado, a “profundeza humana impregnante” de *João Miguel*, de Rachel de Queiroz.¹⁵

O Quinze, estreia literária de “uma criaturinha do Ceará, com dezenove anos”, recebeu o aplauso de Mário de Andrade no *Diário Nacional* de São Paulo, em 14 setembro de 1930. Para o crítico, Rachel vinha “enriquecer muito a já feliz literatura das secas”, retratando a “seca de verdade”, nas “proporções exatas”, com o assombroso cortejo de sofrimentos, portanto “uma conversão à humanidade”. Afastava-se, dessa forma, dos sertões criados por Euclides da Cunha, escritor “magnífico”, mas “literato da maior literária”, que, na percepção do resenhista, apenas transfigurava o espaço árido em obra de arte. Nesse sentido mostrava-se infecundo, deixando de provocar “uma noção tangencial dos nossos deveres pra com o Nordeste”. O artigo empenha-se em consagrar a prosa regionalista da jovem ao assegurar que “os outros escritores da seca criaram obras-primas literárias. Como artistas, como criadores se conservam muito acima de Rachel de Queiroz. Mas essa moça inventou a obra-prima também: Obra-prima, ‘tout court’”.¹⁶ No juízo crítico, entrava em consideração o empuxo pragmático da expressão literária, cabendo a ela a mobilização de consciências.

Com o encerramento das atividades do *Diário Nacional*, órgão do Partido Democrático, em decorrência da derrota paulista da Revolução de 1932, periódico no qual Mário de Andrade colaborava desde agosto de 1927, a assinatura dele em estudos de literatura vai rarear até março de 1939, quando assume o rodapé semanal no *Diário de Notícias*. A atuação no *Diário de S. Paulo*, de 1933 a 1935, privilegiou a resenha musical e de artes plásticas, estudos de folclore e o memorialismo. Guindado, entre 1935 e 1938, ao posto de diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, teve menos oportunidade para o exercício das apreciações públicas dos textos literários em circulação. Sobre a ficção brasileira do período, contudo, exarou sucintos pareceres na *Revista Acadêmica*, na qual deixou estampar, em 1936, carta endereçada a Luís Martins, comentando *Lapa*; a mencionada justificativa de voto em *Angústia*, em 1937; assim

15. Id. “A raposa e o tostão” (27 ago. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 102.

16. Id. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional*. Organização, introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo, Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, pp. 251-2.

como a mensagem ao autor de *Rua do Siriri*, Amando Fontes, e a leitura de *Pedra bonita*, de José Lins do Rego, em 1938.

Em fevereiro de 1937, escrevendo a Murilo Miranda, jornalista moço à frente da *Revista Acadêmica*, Mário de Andrade defende *Caminho de pedras* de Rachel de Queiroz, afirmando ter “gostado muito do livro”. Frisa os pontos fortes do romance, recuperando ângulos do entrecho:

a mesquinhez pulha dos indivíduos, a amargura sofrente de todos, a incapacidade como que por fatalidade, a dedicação por um ideal mais sonhado que entendido, o ambiente parado das cidades nordestinas (com exceção do Recife), a quantidade inflexível de sol que está no livro, a pureza da linguagem *natural*, sem a menor pesquisa: é a Rachel de Queiroz grande romancista.¹⁷

Ao inscrever seu nome na coluna “Vida Literária”, em 1939, Mário explicita seus pressupostos críticos, “antes de mais nada uma procura do essencial”, atividade comprometida em “sintetizar e classificar” o “menos possível” os livros sobre os quais se detivesse. Para ele, em síntese, a crítica “não deverá ser nem exclusivamente estética nem ostensivamente pragmática, mas exatamente aquela verdade transitória, aquela pesquisa das identidades ‘mais’ perfeitas, que ultrapassando as obras, busque revelar a cultura de uma fase e lhe desenhe a imagem”.¹⁸ Ambicionava, assim, apreender a potencialidade das obras em espelhar os traços caracterizadores (“identidade”, “imagem”) da experiência coletiva (“cultura”). Nesse início de atividade, desvelava parâmetros, ao considerar que sua própria obra de criação “jamais [...] alcançaria as alturas” de Murilo Mendes, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Amando Fontes, Octávio de Faria e de Rachel de Queiroz.¹⁹

Em “Nem tanto nem tão pouco”, em julho de 1939, Mário se refere, de passagem, à escritora nascida em Fortaleza, “tão excepcional na criação de ambientes-sínteses”.²⁰ Assina, em setembro, o estudo sobre o romance *As três Marias*; deixa, nas páginas do volume que teve em mãos, indicações prévias para a elaboração do texto jornalístico,

17. ANTELO, Raul. Op. cit. p. 44.

18. ANDRADE, Mário de. “Começo de crítica” (5 mar. 1939). *Vida Literária*. Ed. cit., pp. 14-5.

19. Id., p. 12.

20. Id. “Nem tanto nem tão pouco” (16 jul. 1939). *Vida Literária*. Ed. cit., p. 83.

julgando a linguagem de Rachel “perfeita” e sublinhando a “agudeza extraordinária de observação”.²¹ Na imprensa, sentenciou estar diante de “uma das obras mais belas e ao mesmo tempo mais intensamente vividas” da literatura daquele período.²² Detectou o estágio de “cristalização” artística de uma narrativa que se ligava “a uma das mais altas dentre as nossas tradições romanescas, a de Machado de Assis”, consolidando uma expressão “clássica, em sua simplicidade e firmeza de dicção”.²³ O apuro formal casava-se com o vigor da observação, sob a óptica da feminilidade. A narrativa exprimia a “visão nova” da autora,

fundamente desencantadas dos seres e da vida. [...] Livro triste, denunciando uma vida social bastante imperfeita e seres incapazes de se realizar com firmeza psicológica, embora viva nestas páginas a generosidade sempre pronta de mulher. Se trata mesmo duma obra muito feminina, em que se confessa toda a delicadeza irritável, todo o drama de solidariedade, toda a fraqueza satisfeita de si [...].²⁴

No percurso interpretativo, surpreendendo a narradora em sua “tal ou qual fraqueza vingativa no analisar os homens”, o crítico encontra espaço para trazer à baila *João Miguel*, romance no qual a autora teria obtido sucesso na construção do ponto de vista do protagonista em sua “tão poderosa humanidade”.²⁵ Em novembro, em “A psicologia em ação”, o concentrado reconto saído das prensas de Schmidt Editor em 1932 também mereceria elogio do resenhista, ao ser percebido como “intenso e tão dramático”.²⁶

Em janeiro de 1942, na primeira carta endereçada a Fernando Sabino, Mário de Andrade oferece as “impressões” da leitura das narrativas do livro de estreia do jovem mineiro, *Os grilos não cantam mais*. Evoca, em termos comparativos, a produção literária de Jorge Amado; para o contista de *Belazarte*, Sabino, aparelhado com “o sentimento da língua, como cultura e principalmente como estilo, como expressão de pensamento”,

21. SIMÕES (O.D.N), Neusa Quirino. *Estudando a marginália: Mário de Andrade e a ficção brasileira 1920-1944*. 2 v. São Paulo, 1980. Dissertação (mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Orientação: Telê Ancona Lopez. v. 1, p. 180.

22. ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 119.

23. Id., p. 115.

24. Id., p. 116.

25. Id., p. 117.

26. Id. “A psicologia em ação” (19 nov. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 152.

poderia “ir longe”, “mas não como um Jorge Amado, pouco trabalho, ignorância muita, criação de sobra”. Sinalizava para outra direção, aconselhando-o a “trabalhar dia por dia. Como um Machado de Assis”.²⁷

Na alusão desabonadora à produção do romancista baiano talvez ecoassem as polêmicas em torno da atuação de Mário na coluna “Vida Literária”.²⁸ Exigindo dos jovens escritores o pleno domínio técnico da expressão literária, suscitou reações ácidas na imprensa. Jorge Amado, em agosto de 1939, na revista *Dom Casmurro*, sem assinar o artigo, exprimia seu desagrado com “o ‘mestre’ transformado no último esteta”, que “volta[va] a galope para o modernismo agora sem violência”.²⁹ Em sua réplica, o crítico paulista, nas páginas do *Diário de Notícias*, coloca-se diante da produção do criador de *Capitães da areia*:

Esta crônica deriva, é certo, de uma nota saída recentemente a respeito da minha atitude crítica [...] Sou incapaz de indiretas grosseiras, e não me refiro, pois, a quem escreveu a nota, pessoa que sempre admirei e continuo admirando, como romancista, o sr. Jorge Amado [...].³⁰

Realmente, Mário, em seu rodapé, lembrara-se das criações de Jorge Amado em pelo menos três oportunidades até o início da contenda. Em março, “Feitos em França” noticiando a tradução de *Jubiabá*, o julga “fortíssimo”, “onde algumas realidades brasileiras estão expostas com uma agudeza tão nítida que chega a doer”.³¹ Quatro meses depois, em “Nem tanto nem tão pouco”, ajusta o foco sobre “Jorge Amado e Jorge de Lima

27. SABINO, Fernando (Org.). *Cartas a um jovem escritor e suas respostas: Fernando Sabino / Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Record, 2003, pp. 14; 15.

28. Em carta a Newton Freitas, em 1º de outubro de 1940, Mário de Andrade confidencia o seu desconforto em relação às atividades de Jorge Amado na imprensa, por ter “aceitado dirigir a página literária do *Meio Dia*”, periódico que o crítico considerava “a coisa mais nazista que Deus criou no meio dos vendilhões”. “Correspondência de Mário de Andrade”. Apresentação e notas de Newton Freitas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 17, p. 94, 1975.

29. [AMADO, Jorge] – [Sem título]. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, 12 ago. 1939. Apud MORAES, Marcos Antonio de (Organização, introdução e notas). *Mário e o pirotécnico Aprendiz: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*. São Paulo: Ed. da UFMG/ IEB-USP/ Giordano, 1995, p. XXXIII.

30. ANDRADE, Mário de. “A raposa e o tostão” (27 ago. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., pp. 101-2.

31. Id. “Feitos em França” (26 mar. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 31.

poetizando sobre a documentação regional”.³² Em agosto, mostra a superioridade do baiano sobre o gaúcho Telmo Vergara, autor de *Estrada perdida*, ao forjar “orquestrações possantes, [...] rajadas de visão poética”, das quais o ficcionista possuía “o segredo” e cujos “melhores exemplos estão no *Mar Morto*”.³³

Ao ler em 1936 o trágico entrecho amoroso vivido pelo marinheiro Guma e Livia, Mário de Andrade endereça carta ao autor, assegurando que a obra lhe valia o título de “doutor em romance”:

você é o tipo do escritor verdadeiro, que é fatalmente escritor, e que por isso mesmo foi subindo, foi subindo. Calouro no *País do Carnaval* e no *Cacau*, já terceiranista no *Suor*, diplomado com distinção em *Jubiabá*, e já agora doutor completamente em *Mar Morto*.

Na apuração do juízo crítico do romance entrava “a boa escolha do assunto”, a “realidade honesta com que foi tratado — ou a sensação de realidade honesta — o que é a mesma coisa em arte”, assim como a “linda tradição de meter lirismo (e que delicioso lirismo!) de poesia na prosa”. Tudo somado, afiançava na missiva ter gostado “imensamente” do livro.³⁴ Contudo, será *Jubiabá*, escrito aos 23 anos, desfiando a trajetória do espoliado negro Antônio Balduino, que Mário incluirá entre os dez melhores romances nacionais.

Octávio de Faria não chegara aos trinta quando a editora José Olímpio estampou, em 1937, *Mundos mortos*, o primeiro volume da série “Tragédia burguesa”. Mário de Andrade acompanhara as primeiras publicações do romancista, as quais propagavam considerações sobre Maquiavel, o catolicismo e a poesia de Schmidt e de Vinícius de Moraes; podia, desse modo, externar, sem rodeios, em carta ao autor, em 5 de novembro de 1937, que nunca fora um “dos seus grandes admiradores”, irritando-se “enormemente”, sobretudo com o “pragmatismo católico” dele. A extensa mensagem, da qual Mário conservou cópia em seu arquivo, cumprindo “lealdade invencível”, se propunha a moldar ampla análise do romance que tem como “admirável”.³⁵

32. Id. “Nem tanto nem tão pouco” (16 jul. 1939), *Vida Literária*. Ed. cit., p. 83.

33. Id. “Estrada perdida” (20 ago. 1939), *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 97.

34. FERNANDES, Lygia (Org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1968, p. 136.

35. MORAES, Marcos Antonio de. “Nos meandros de *Mundos Mortos*: Carta a Otávio de Faria”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros-USP*, São Paulo, n. 36, pp. 185-6, 1994.

A sequência de pontos fortes de *Mundos mortos* acumula-se no trecho final do texto epistolar, em termos relativamente sumários, não escamoteando os senões. Para o remetente, o livro “muito bem escrito” vertia-se “numa língua natural que a gente nem percebe que é boa, tanto ela faz bem em não aparecer”. A “composição [...] magistral” traduzia a “grande técnica de romance”, parecendo decalcado em “formas musicais”. Embora “falta[sse] bastante imaginação”, a criação “pensadíssima” se sustentava “como um bloco”. Por fim, a narrativa possuía o “dom de empolgar”, mesmo nas partes frágeis, como na constituição “bastante deficiente” da psicologia da personagem Roberto Dutra, cuja sensibilidade homossexual teria sido precariamente concebida pelo narrador a partir de uma “bestíssima conclusão moral de que o fenômeno da homossexualidade não passa de um grande engano de idade”.³⁶

A dimensão memorialística tinge o fecho do juízo crítico, quando Mário ressalta “a técnica poderosa”, a “invenção genialíssima”, com as quais a ficção “fez viver” Carlos Eduardo nas frases de seus companheiros ginásianos. O estudante, surpreendido pela morte nas páginas finais da ficção, desencava reminiscências doridas no crítico:

Lhe sou particularmente grato, porque se lhe tivesse contado o caso de meu mano mais novo, Renato, que morreu na mesma idade do Carlos Eduardo, um pouco mais novo, e também por um acidente, e que foi o mesmo “anjo” que Carlos Eduardo, você não teria descrito Renato com mais perfeição.³⁷

Os vínculos entre realidade e ficção, no terreno da verossimilhança, tornam-se lugar de debate na carta. Ao apontar fragilidades na obra, Mário de Andrade deslinda a sua postura crítica, como “temperamento combativo” que “gosta de se espriar nas dissensões”.³⁸ No cenário construído pelo romance, onde circulam “seres *todos* absolutamente *todos* invulgares”, o criador de *Amar, verbo intransitivo* tem a certeza de que “por mais que [...] tenha vivido, pelo menos em dois ambientes diversos de católicos, nunca se viu, nem po[dia] aceitar, existi[sse]”.³⁹

36. Id., pp. 189-9.

37. Id., p. 189.

38. Id., p. 188.

39. Id., p. 187.

A discussão imputando uma “grave insuficiência” na obra gira fundamentalmente em torno da construção psicológica das personagens. Para Mário, os rapazes não convenciam o leitor, pois se moldavam em “psicologia, excessivamente pensada”, “muito libertada do corpo”. Em sua argumentação, tece uma síntese problematizadora:

acho que os rapazes ficaram bastante falsos como realidade humana, porque, por mais que você se conformasse a fazê-los expor em diálogos ou em períodos de discussão interior, a psicologia lá deles, você, como autor, não deixou de meter a sua colher-torta na psicologia dos rapazes. Quero dizer: esta se tornou por demais de autor, por demais experiente, para ser aceitável em todos aqueles dezesseis anos que estão vivendo no livro.⁴⁰

Esmiuçando a natureza fatalizada das personagens na trama (“seres excessivamente lógicos, seres *fatais*”), detecta “talvez [...] o defeito principal” do livro, a incapacidade do autor em

representar perfeitamente o bem e o mal. Falta em você a saudade do Bem. E falta também a saudade do Mal. Assim, mesmo nos rapazes ruins ou apenas maus do seu livro, permanece a pureza irrecorrível, dos anjos que se revoltaram contra Deus. São seres vindos de Satanás, feitos à imagem e semelhança de Satanás. Não são rapazes. Há no seu livro, sob este ponto-de-vista, uma imoralidade bem sutil. Mas poucos a perceberão.⁴¹

O “excelente romancista”⁴² Octávio de Faria, citado em março de 1939, na estreia de Mário em “Vida Literária”, reaparece, expressivamente, na sequência de rodapés. Na semana seguinte, as “críticas defeituosas” do ficcionista na esfera da poesia o mostram como “curiosíssima figura intelectual”.⁴³ Em abril, o jornal lança luz sobre a natureza singular do “diálogo reflexivo” nos “admiráveis *Mundos mortos*”, visto como “duma grande intensidade psicológica, em que são frequentes as largas tiradas de cada personagem, tiradas que só se justificam pelo vigor com que são construídas”.⁴⁴ Em setembro,

40. Id., pp. 186-7.

41. Id., pp. 187-8.

42. Id. “Começo de crítica” (5 mar. 1939). *Vida Literária*. Ed. cit., p. 12.

43. Id. “Belo, forte, jovem” (12 mar. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 16.

44. Id. “Diálogos” (16 abr. 1939). *Vida Literária*. Ed. cit., p. 26.

Octávio se vê alçado ao “primeiro plano da ficção nacional”, no artigo no qual as suas *Três tragédias à sombra da cruz* “não [...] parecem bem sucedidas” ao crítico, pois o “agitador doutrinário prevalecera demasiadamente sobre o artista”.⁴⁵

Em outubro de 1939, Mário se debruça sobre *Os caminhos da vida*, segundo volume da *Tragédia burguesa*, entendida por ele como projeto de elaboração de “um painel pacientemente pormenorizado, e provavelmente um verdadeiro processo, da burguesia”.⁴⁶ De um lado, rechaça o “estilo desagradável, árido e grosseiro” do autor; de outro, destaca em Octávio de Faria a sua “força de analista de almas”, pois “jamais a análise psicológica foi levada entre nós a esta riqueza de pormenorização nem a esta força convincente de verdade”.⁴⁷ No mês seguinte, em outro de seus artigos, devotando-se à observação da moldagem psicológica na ficção brasileira, assevera que foi o escritor fluminense, até aquele momento, “o mais pormenorizador, o que leva[ra] a análise psicológica mais longe”. Como parâmetro, presentifica as produções de Proust e Joyce, esclarecendo que não se tratava de imitação, “longe disso, mas porque a eles se assemelha no propósito de revelar ao mais possível o mecanismo psíquico”.⁴⁸

Empenhado em compreender o significado da “psicologia em absoluto” na obra de Octávio de Faria, Mário conservou, entre os papéis de seu arquivo, a anotação em folha avulsa, autógrafo a tinta preta, explorando o assunto, possivelmente para aproveitá-la na concretização de um futuro ensaio. A presença de rasuras revela o intenso fluxo de escrita, o pensamento crítico construindo-se no *currente calamo*:

Mas onde é mais acentuada esta característica de tomar as psicologias em absoluto é na ausência total de observação do comezinho, do particular, do transitório psicológico. O sr. O. de F. isenta a sua análise de qualquer realismo mais verdadeiro, os seus personagens só vivem de vida profunda, mesmo os que são levianos, todos pensam ou agem exclusivamente em relação às suas psicologias gerais. [...] Todas as criaturas do sr. O. de F. só pensam e agem seriamente; quero dizer: tudo neles se converte à caracterização das suas psicologias absolutas. Tudo se converte para a acentuação e descrição daquilo que eles são em absoluto, e jamais aquilo que eles “também” são no relativo da vida cotidiana. De

45. Id. “Do trágico” (10 set. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 109.

46. Id. “Os caminhos da vida” (29 out. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 131.

47. Id., p. 132.

48. Id. “A psicologia em análise” (26 nov. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 158.

forma que embora os personagens sejam verdadeiros, embora a psicologia do sr. O. de F. é exclusivamente moralista — uma análise que por mais observações e pormenores que ajunte é uma síntese. Como Shylock ou o Cid, são síntese. Neste sentido, há uma ausência vertiginosa de realismo na análise do sr. O. de F. E embora a sua análise seja tão rica de pormenores, na verdade ela é de uma grande pobreza analítica, no sentido da verdade humana. Mas esta pobreza, no caso, não é exatamente um defeito. É antes um “caráter” do psicologismo do escritor, e pode ser até consciente e voluntária.⁴⁹

A marginália de Mário de Andrade ilumina etapas de um percurso crítico em progresso. As considerações que deixou a lápis na página de anterrosto do exemplar de *Doidinho* de José Lins do Rego, em 1933, não permitiriam, por exemplo, supor que a obra tirada das prensas da editora Ariel do Rio de Janeiro cairia inteiramente em seu gosto, superando, em valor literário, as demais obras do ciclo da cana-de-açúcar publicadas até 1939, *Menino de engenho* (1932), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), como também *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938) e *Riacho Doce* (1939), versando sobre outros temas regionais.

O registro das primeiras impressões do romance acusa o crítico insatisfeito com a narrativa da infância de Carlos de Melo no internato em Recife, sublinhando “a fraqueza criadora do autor”. “Análises”, “verdade”, a figuração da infância, o “estilo” não atingem os mais altos patamares expressionais. Tendo por horizonte interpretativo certa noção de “símbolo”, do território da psicanálise, a fragilidade da obra, para ele, residiria também no malogro da universalização (humanização) das vivências transpostas para a engrenagem ficcional. Na sinopse de Mário,

o livro, apesar de admirável, não vai sem uma certa monotonia. E esta, não deriva apenas do assunto, muito preso a uma realidade por demais objetiva (de que não escapam mesmo as observações e análises psicológicas) mas da maneira de ser do autor. Muito embora as análises sejam bem feitas, jamais são ‘muito’ bem feitas; muito embora a verdade seja verídica, jamais ela se torna clarividente; muito embora a criança, o menino se aproximem da meninice, jamais se tornam a meninice; e muito embora o estilo, a análise, a descrição sejam percucientes, jamais ferem, jamais escarpam, jamais deslumbram, e

49. Série Manuscritos Mário de Andrade, Arquivo Mário de Andrade (Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo).

sem ser superficial o livro, pelo seu autor, jamais fica profundo. Não tem aquela missão especial da arte, quer da arte pura como ‘Alma minha’, ‘Virgens mortas’ ou “Inocência”, quer de qualquer arte interessada, de transformar de alguma forma fatos, ideias, personagens em ‘símbolos’. A gente, se reconhecendo inúmeros momentos em Doidinho, e se agradando e mesmo alguma vez se iluminando nesse reconhecimento, não se integra nunca. Nem Doidinho é a gente, nem consegue ser uno, completo e virtual. Não existe no livro aquela grandeza virtual, profunda, imanente da arte maior, em que tal fato, ideia ou personagem se converte em símbolo (no sentido rico que a psicanálise percebeu e fixou no símbolo) e é pra nós de qualquer forma, uma fonte perene e sempre atual (no sentido do indivíduo ou da coletividade) de consolo, de lirismo, de prazer desinteressado, de interesse mediato (político, nacional, sexual, social, religioso, antirreligioso, etc. etc. qualquer). Essa grandeza da extrema veridicidade do livro é ao mesmo tempo denunciadora, por isso, da fraqueza criadora do autor. Como imaginação criadora, Lins do Rego é uma inteligência pobre. O *Ateneu*, muito mais imperfeito, persevera maior. A comparação era, de resto, inevitável... (v. p. 193).⁵⁰

Nas críticas difundidas por Mário na imprensa, em 1939, a obra de Lins do Rego torna-se paradigmática em seu propósito de se “aproximar da realidade pura e simples, e nos dar um norte verdadeiro (sempre seguindo a distinção de Gide)”. Teria, assim, o condão de ultrapassar a “superficialidade das observações” a caminho de uma “profunda sublimação” da realidade. A resenha de junho também alude à “força íntima” do regionalista, capaz de gerar uma “obra monumental”, com o seu “poder de caracterização psicológica, que sempre inventa mesmo quando apenas parece recordar”.⁵¹

Focalizando, em novembro, *Riacho doce*, Mário realça a singularidade da “linguagem” ficcional do autor paraibano, a “mais saborosa, colorida e nacional que nunca tivemos”. Retrata-o como o “mais possante contador, o documentador mais fecundo e essencial da civilização e da psique nordestina; o mais fecundo inventor de casos e de almas”.⁵² Entra em pauta o vigor das caracterizações psicológicas em seus romances, ideia que será retomada em rodapés seguintes. Em “Repetição e música”, ampliando a análise do romance que lança luz sobre os desajustes sociais provocados pela exploração

50. Cf. SIMÕES (O.D.N), Neusa Quirino. Op. cit., v. 1, pp. 78-9.

51. ANDRADE, Mário de. “Nem tanto nem tão pouco” (16 jul. 1939). *Vida Literária*. Ed. cit., p. 83.

52. Id. “Riacho doce” (12 nov. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 137.

de petróleo em Alagoas, Lins do Rego ressurgiu como “um dos mais poderosos analistas de almas” da prosa no país.⁵³ No artigo “A psicologia em análise”, tendo-o como “a maior personalidade de romancista que já tivemos”, mostra como em seu último livro, assim “como já o fizera em *Doidinho*, em *Banguê*, em *Pureza*, [...] quase que apenas analisa. É ação que nasce em função da análise psicológica”. Em escalas de valores, contudo, para o crítico, fora Octávio de Faria quem pudera mais profundamente entranhar-se no universo mental das personagens.⁵⁴

Em janeiro de 1942, dirigindo-se a José Lins do Rego, Mário de Andrade vislumbra, em termos de prognóstico, o lugar de relevo que a obra do amigo teria na configuração do cânone literário nacional, em particular pela capacidade de transpor para a ficção a “vida brasileira” em sua essência social, em seu “caráter”. Na carta, se mostra

convencido mais que nunca que, além do valor singular de cada um dos livros de você, um dia hão-de perceber assombrados, a importância vasta do conjunto da sua obra. Você está fixando, mais do que qualquer sociólogo, um período da vida brasileira, o caráter de uma sociedade, e a significação crítica de uma tragédia mesquinha e implacável.⁵⁵

Caminhos cruzados, do gaúcho Erico Verissimo, e *Os corumbas*, do paulista Amando Fontes, dispostos ao final da listagem de Mário de Andrade dos “melhores romances brasileiros”, também exibem, na biblioteca do escritor, anotações de leitura.

No livro impresso em Porto Alegre, sob o selo da editora Globo, o crítico, ao longo das páginas, amalha indicações sumárias, entre as quais: “cena forçadíssima” (p. 123, capítulo 23), “Bastante Huxley demais, até o avião...” (p. 160, cap. 32), “[...] Armênio [...]”. Aliás que figura artisticamente sem relevo, por culpa do autor” (p. 166, cap. 33), “Que insistência absurda num detalhe sem grande caráter” (p. 213, cap. 50).⁵⁶ O volume acolheu igualmente notas de Mário em folhas de bloco, as quais iriam desaguar na

53. Id. “Repetição e música (2)” (19 nov. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 143.

54. Id. “A psicologia em análise” (26 nov. 1939). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 157.

55. Carta de Mário de Andrade a José Lins do Rego, 26 jan. 1942. FIGUEIREDO JR., Nestor Pinto de. “Vai continuando, seu Zé Lins, por favor vai continuando”. *O Galo: Jornal Cultural*. Fundação José Augusto. Natal. Ano XII, n. 5, p. 12, jun. 2000.

56. SIMÕES (O.D.N), Neusa Quirino. Op. cit., v. 1, pp. 92-5.

avaliação de *Saga* no *Diário de Notícias*, em 1º de novembro de 1940.⁵⁷ Dirige o olhar para a construção das personagens, para a psicologia que as define, não reconhecendo neles, todavia, o “*drama da vida*”. Coloca o autor à sombra do inglês Aldous Huxley, o criador de *Contraponto* (1928): Erico “a todo instante perde o lugar de fazer criação [...] forte, empolgante. Dir-se-ia que ele não quer isso... Mas Huxley quer. E faz”. Como veredicto, à guisa de conclusão, fabrica a *boutade*:

Enfim ausência absolutamente total de qualquer *sturm*, qualquer *drang*, numa ausência absolutamente total (neste livro clímax) de qualquer criação psicológica mais inesquecível e necessária. Mas tudo de um a propósito, de um acertado, de uma mediocridade tão cômoda que chega a admirável.// E. Veríssimo é o grande romancista sem “romance”.⁵⁸

Palmilhando, na imprensa, em 1940, o universo ficcional de *Saga*, Mário de Andrade dirige-se ao autor, “grande romancista, possuidor de qualidades absolutamente excepcionais”, exigindo dele o “maior rendimento” das “riquezas literárias” que havia ameaçado em sua trajetória.⁵⁹ Recuperando-a, ganha destaque *Caminhos cruzados*, pela “harmoniosa unidade conceitual”, “uma espécie de obra-prima”.⁶⁰ Se faltava à narrativa alguma “criação, mais rara de alma”, vingava a “técnica de expor processionalmente em ação numerosos caracteres psicológicos”.⁶¹ Tudo somado, era possível professar a “genialidade” que Erico Veríssimo “possui como ninguém nestas Américas”.⁶²

No exemplar de *Os corumbas* editado pela Schmidt carioca, na estante de Mário de Andrade, habitam poucos apontamentos, evidenciando, principalmente, nos grifos,

57. As notas acerca de *Caminhos cruzados* resultaram, possivelmente, de uma releitura da obra para a elaboração da resenha de *Saga*. Em 14 de setembro de 1940, Mário de Andrade escrevia à sua discípula musicóloga Oneyda Alvarenga: “se tenho de criticar um livro de Erico Veríssimo, pra me repor dentro da espécie dele, sou obrigado a ler preliminarmente pelo menos dois dos livros anteriores dele. E não se trata apenas de ‘refrescar as ideias’, trata-se exatamente de reaver o conhecimento perdido. Tudo em mim fica memoriado como uma nebulosa”. ALVARENGA, Oneyda (Org.). *Cartas. Mário de Andrade/ Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983, p. 276.

58. SIMÕES (O.D.N), Neusa Quirino. Op. cit., v. 1, p. 98.

59. ANDRADE, Mário de. “Saga” (1º set. 1940). *O empalhador de passarinho*. Ed. cit., p. 255.

60. Id., p. 249.

61. Id., pp. 249-50.

62. Id., p. 253.

o pesquisador da cultura popular interessado em expressões da esfera musical, relato de bailado folclórico e regionalismos linguísticos.⁶³ Embora, pelo que se sabe hoje, não tenha se referido a essa obra em particular em sua atividade crítica profissional, o nome de Amando Fontes, como referido anteriormente, galgava as “alturas” no “Começo de crítica”, ao lado dos grandes nomes do modernismo. Em outubro de 1939, desponta como uma das “expressivas personalidades” no grupo dos romancistas da fase de 1930.⁶⁴ Atentando-se para o assunto do romance que recebeu o Prêmio Felipe d’Oliveira, ou seja, o mundo dos espoliados, pode-se supor que a ele talvez coubesse preceito crítico similar ao que Mário consagrou a *Rua do Siriri*, convalidado em carta ao autor: “a concepção de vida, o trágico quotidiano, a procissão dos seres, a infelicidade miúda, tudo isso está no livro magistralmente impresso”.⁶⁵

No panorama da novelística dos anos de 1930 — no qual a prosa produzida em São Paulo ocupava uma “subalternidade pobretona”⁶⁶ — Mário de Andrade contabilizava em sua coluna, em outubro de 1939, “três ou quatro romancistas de primeira ordem” sobrenadando uma “extraordinária floração” de livros. Em 1939, assumindo a postura de crítico profissional, a cavaleiro dessa “produção, cheia de brilho, com muitas obras excelentes mas necessariamente irregular e um bocado caótica”, vê a possibilidade de “traçar algumas reflexões de ordem geral sobre o [...] romance contemporâneo”.⁶⁷ Essas avaliações, como se viu, fundamentavam-se em um consistente cabedal de leituras.

A volumosa biblioteca do morador da Barra Funda paulistana, assim como a sua vasta correspondência revelam como ele, de fato, acompanhou o movimento editorial no Brasil. Recebeu de muitos autores, no decênio de 1930, exemplares com dedicatória: em *Doidinho*, pôde ler: “Para Mário de Andrade/ que não ligou ao meu/ ‘Menino de Engenho’ com/ a admiração de/ José Lins do Rego./ Avenida da Paz 1228”; em *João Miguel*, “Ao Mário/ de Andrade. / — o grande Mário — / toda a admiração/ de / Rachel.”; em *Jubiabá*, “Para / Mário de Andrade/ amizade e/ admiração do/ Jorge Amado./ Rio, 1935”; em *Mundos mortos*: “A Mário de Andrade, /com a mais viva/

63. Cf. SIMÕES (O.D.N), Neusa Quirino. Op. cit., v. 2, pp. 169; 289-90; 325.

64. ANDRADE, Mário de. “Romances paulistas” (1º out. 1939). *Vida Literária*. Ed. cit., p. 110.

65. Carta sem data, possivelmente de 1937. FERNANDES, Lygia (Org.). *71 Cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria São José, [1968], p. 50.

66. ANDRADE, Mário de. “Romances paulistas” (1º out. 1939). Op. cit., p. 110.

67. Id., p. 107.

admiração e/ grande simpatia,/ oferece/ Octávio de Faria. Rio, 10.8.37”; em *Caminhos cruzados*: “A Mário de/ Andrade, com/ a velha admiração/ de/ Erico Verissimo.”; em *Os corumbas*: “Para Mário de Andra-/de,/ alto e brilhante/ espírito,/ homenagem afe-/tuosa de/ Amando Fontes/ Rio, 22/7/1933”; em *Vidas secas*: “Para Mário de Andrade, com a velha admiração/ de/ Graciliano Ramos. / Rio, 1938”.⁶⁸ Sobressai nestes oferecimentos, colhidos entre tantos outros, a recorrência da palavra “admiração”, formulação a meio caminho entre o protolocar e o anseio da amizade, situando o polígrafo como um dos polos imantados da sociabilidade intelectual do tempo modernista.

Em outubro de 1939, Mário de Andrade constatava que a abundante produção ficcional que vinha acompanhando não lhe permitia a fixação de uma “síntese crítica”, pois, em sua opinião, atravessava-se “uma fase de furiosa produtividade, [...] plenamente em meio de um período que nenhum sintoma ainda apresenta de esfalfamento”. Cabia-lhe, nessas circunstâncias, enquanto resenhista profissional, “vagabundear pensativamente”, perscrutando as diferentes experiências literárias em processo, portanto instáveis em seus propósitos estéticos. Se o julgamento ventilado nas colunas da “Vida Literária” não possuía um “caráter decisório”,⁶⁹ as linhas mestras de seu pensamento crítico sobre o romance de 30 vinham se estabilizando ao longo dos anos, constituindo-se também em notas de estudo e testemunhos epistolares.

O debate sobre os vínculos entre literatura e realidade, a averiguação da força do discurso literário enquanto instrumento de compreensão da vida brasileira e mecanismo de modificação da sociedade, a observação da potencialidade da linguagem em transmitir o “caráter” nacional, a reflexão acerca das vicissitudes no domínio técnico da expressão, a discussão sobre diferentes modalidades de construção psicológica das personagens, no desígnio de humanizá-las, são ideias que, vestindo-se de variadas feições, emergem em muitas formulações interpretativas de Mário de Andrade nos anos de 1930. Acompanhando-se esses julgamentos críticos esparsos, sem costuras claramente fixadas, em particular em relação às obras que o escritor colocava entre as “melhores” da ficção nacional, distinguem-se aspectos significativos da vilegiatura intelectual de Mário.

68. SIMÕES, Neusa Quirino. “Dedicatórias a Mário de Andrade”. *Boletim Bibliográfico, Biblioteca Mário de Andrade*. Volume 42, número 4, outubro a dezembro de 1981; pp. 43; 44-5; 46; 48; 49. A dedicatória do autor em *Os corumbas*, não mencionada no artigo, pode ser lida no acervo bibliográfico de Mário de Andrade no IEB-USP.

69. ANDRADE, Mário de. “Romances paulistas” (1º out. 1939). Op. cit., p. 107.

Pensamento irrequieto, em meio à aragem sombria da Segunda Guerra Mundial, Mário de Andrade assina, em 1941, “A elegia de abril”, colaboração no primeiro número da revista *Clima* de São Paulo. Ensaia um balanço de época, fisingando na ficção nacional de seus contemporâneos a recorrência da personagem “fracassado”. A presença deste “herói novo”,⁷⁰ lido como sintoma no fluxo histórico, exigirá dele, então, a releitura da experiência literária, cultural e ideológica brasileira.

Marcos Antonio de Moraes é professor no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

70. ANDRADE, Mário de. “A elegia de abril”. *Aspectos da literatura brasileira*. Ed. cit., p. 189.